

Primórdios da intersubjetividade a partir da clínica com bebês e crianças pequenas

Primordial Intersubjectivity considering clinical practice with infants and young children

Mariângela Mendes de Almeida*

Resumo: A clínica psicanalítica com bebês e crianças tem se enriquecido com a compreensão da constituição de um psiquismo encarnado em um corpo que en-cena movimentos relacionais e suas vulnerabilidades desde os primórdios. Linguagens não verbais, gestos, manifestações que se lançam pelo próprio corpo para o além deste, no contexto da regulação da sensorialidade do bebê e da criança, estão no cerne da trama psicanalítica, para além da visão de que precisaríamos de símbolos constituídos ou linguagem já desenvolvida para associar eventos e iniciar a trilha das representações. Vinhetas ilustrativas em “fractais de contato” com Tico, Teco e outros bebês ou pequenas crianças em observações psicanalíticas e intervenções clínicas encenam essas integrações.

Palavras-chave: Psicanálise infantil. Clínica com bebês. Intersubjetividade. Fractais de contato. Primórdios do desenvolvimento.

Abstract: *Psychoanalytic clinical work with infants and young children has been enriched with the understanding of the constitution of a psyche incarnated in a body that experiences relational movements and their vulnerabilities since primordial times. Nonverbal languages, gestures, manifestations that are launched by the body towards its surroundings, regulating the infant's sensoriality, are at the heart of the psychoanalytic treatment, challenging the view that we would need constituted symbols or already developed language to associate events and initiate representational tracks. Vignettes in “fractals of contact” with Tico, Teco and other babies or toddlers in psychoanalytic observation and clinical interventions illustrate these integrations.*

Keywords: *Child psychoanalysis. Clinical work with infants. Intersubjectivity. Fractals of contact. Primordial development.*

1 Psicanalista e Psicóloga Clínica com Mestrado pela Tavistock Clinic e University of East London. Doutorado pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Participante da Clínica 0 a 3 e do Grupo PRISMA de Psicanálise e Autismo. Coordenadora do Núcleo de Atendimento a Pais-Bebês – Saúde Mental/Pediatria da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Docente do Instituto Sedes Sapientiae. Participante da Alobb, Rieppi, Inspira e Cippa.

INTRODUÇÃO: EXPANSÕES DO CAMPO PSICANALÍTICO À LUZ DA CLÍNICA DOS PRIMÓRDIOS

O campo psicanalítico vem continuamente se enriquecendo a partir dos aportes dos estudos sobre o desenvolvimento do bebê, nas encruzilhadas da neuroplasticidade cerebral e dos fluxos sensoriais em movimentos tendendo à integração.

Essa compreensão considera a constituição de um psiquismo encarnado em um corpo que en-cena, em constante ressonância, a experiência dos movimentos relacionais e suas vulnerabilidades desde os primórdios. Linguagens não verbais, gestos, manifestações que se lançam pelo próprio corpo para o além deste, no contexto da regulação da sensorialidade do bebê e da criança estão no cerne da trama psicanalítica.

Daniel Stern nos lembra como se pensava que os bebês precisariam de símbolos constituídos ou linguagem desenvolvida para associar eventos e iniciar a trilha das representações, mas como isso já se transformou. Considerando-se a perspectiva da modulação de experiências sensoriais, descrições mais próximas de *flashes*, fluxos e experiências protossimbólicas, essenciais para essa constituição intersubjetiva primordial, adquirem lugar: afetos de vitalidade, coreografia emocional interior, orquestração e dança de sentimentos, paisagens e tapeçarias mentais (STERN, 1990).

Ao longo de toda a vida, buscamos um senso de continuidade, de integração de disrupções e inovações em um eixo de narratividade e historicização que nos propiciam a construção identitária.

Gestos instintivos de autoconsolo e busca de apaziguamento nos fazem revivenciar no encarnado do corpo, estados arcaicos de trânsito entre potentes vias de oscilação entre integração e não integração. Encontros e separações, oscilações entre aproximações e afastamentos já nos tocam, literalmente, desde as primitivas presenças de um senso rudimentar de si e senso incipiente de um outro (STERN, 1992).

Metafóricos ou instalados de fato na “pele” (BICK, 1967/1987), no “endoesqueleto”, na tonicidade muscular, ou reatividade visceral, por exemplo, desde o período fetal até nossa vida em corpo adulto, membros e extremidades se tocam e se enlaçam, se enrijecem ou se amoldam em repouso, cavidades e esfíncteres servem de passagem de entrada e saída, e fluxos químicos hormonais expressam trocas com o ambiente relacional.

Bernard Golse polemiza: a intersubjetividade primária nos mobiliza a uma busca inata ao outro como objeto, enquanto a intersubjetividade secundária

emerge do encontro com esse outro. Golse visualiza uma terceira via: oscilações constantes entre momentos que alternam intersubjetividade e recolhimento (GOLSE, 2008). Constatamos, com surpresa e fascinação, em imagens de ultrassonografia, que o feto pode mostrar-se em abrupta retração diante de uma seringa para exame que adentre o protegido ambiente uterino, ou que pode movimentar suas mãos, já em intencionalidade contingencial e (por que não?) suposta protoludicidade interativa, diante de bolhas ou coágulos que, mesmo de forma inesperada, delicadamente se coloquem à sua frente.(FORGES, 2019).

Considerando o período inicial da concepção humana incluindo a convivência pré-natal, com base em estudos e confluente suposições contemporâneas (como nas investigações pioneiras originais de Piontelli), parece possível considerar que a intersubjetividade primária já se encontra com um outro incipiente muito antes do nascimento, e que a intersubjetividade secundária já inicia seu percurso de instalação desde a presença do um outro incipiente intraútero (PIONTELLI, 1986, 1992).

“Dilui-se” assim, de certa forma, neste primeiro ambiente líquido maleável, as aparentes dissidências entre o primário e o secundário. A matéria integrada que constitui o humano se mostra já por natureza embrionária, entrelaçada. A terceira via descrita por Golse portanto se presentifica já no intracórpore materno instalando-se assim no corpo do bebê desde o primevo da existência.

A partir deste ponto e ao longo deste *continuum* inicial do bebê nascido (sempre vivente), nos encontramos então com a “clínica dos primórdios”. Presentes estão os aspectos originários, arcaicos, primários, disto que se nomeia “o infantil” e que nos acompanha ao longo de toda a vida, permeando também nossa clínica cotidiana mais abrangente:

Estranho conglomerado histórico-a-histórico, cadinho das fantasias originárias e das experiências sensório-motoras memorizáveis na forma de traços mnêmicos.... lugar psíquico das emergências pulsionais iniciais e irrepresentáveis. ... o infantil é essa liga pulsional e de estrutura “flexível”, que faz com que a gente seja quem é e não um outro... (GUIGNARD, 1997, p. 16-17).

Consideramos o infantil como um reservatório sempre presente de aspectos arcaicos revisitáveis em constante resgate e atualizações. Vivenciamos sua presença em registros somáticos e lembranças instaladas no corpo, que clamam por integração psíquica e demandam a construção de aspectos da expe-

riência não representada e constituição de tecido psíquico, para além, ou aquém do desvelamento de aspectos reprimidos e recalcados. Tais comunicações de aspectos do infantil desenvolvem-se a partir de possíveis janelas de acesso ao campo da integração somatopsíquica.

Considerando-se a clínica psicanalítica dos primórdios, tanto na experiência institucional quanto particular, dispositivos como atendimentos vinculares e em grupo de pais e bebês propiciam com intensidade e potência o acesso a janelas clínicas (STERN, 1997) desde as dificuldades alimentares, metáfora/matriz de modalidades originárias de internalização e continência (MENDES DE ALMEIDA, 2019), passando também por questões de sono, de comunicação e contato, irritabilidade, angústias de separação, vulnerabilidade parental, perdas na família, etc. Nesses contextos, trabalhamos o desenvolvimento de aspectos de saúde amparados pela troca de experiência entre crianças e pais e a continência para preocupações e riscos que, ao continuarem recebendo investimento terapêutico, parental, familiar, e até comunitário, podem seguir rumos alternativos à cristalização.

Ressaltamos a importância da intervenção psicanalítica com crianças pequenas em vulnerabilidade por multifatores, que futuramente aparecem com vários diagnósticos diferenciáveis, mas que em sua apresentação inicial podem aparecer dinamicamente imbricados, e ainda assim, deixar entrever brechas possíveis para um desenvolvimento na trilha da saúde.

A própria indicação do trabalho, por parte de famílias de pacientes acompanhados, ao mesmo tempo reflete e tem propiciado a consolidação deste olhar diferenciado e singular no espaço coletivo em psicoprofilaxia no acompanhamento do desenvolvimento emocional e em intervenções oportunas em rede.

INTRODUZINDO FRACTAIS DE CONTATO COMO INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO

As linguagens não verbais encontram-se no cerne da trama psicanalítica contemporânea, sendo elemento de reflexão constante nas temáticas técnicas e conceituais, pela carga de elementos constitutivos do desenvolvimento e da essência humana, manifestos desde o desenvolvimento inicial nos bebês e presentes em todas as expansões e desafios ao longo da vida.

No trabalho clínico com estados de mente primitivos, nos deparamos com a potencialização de nossa atenção à associatividade geradora da possibi-

lidade de vínculos incipientes em nosso próprio pensar e no contato subjetivante com o outro (SILVA; MENDES DE ALMEIDA; BARROS, 2011).

Imersos no campo transferencial a partir do refinamento de nosso radar contratransferencial, abrangendo também modalidades protossimbólicas, participamos de maneira primitivamente intersubjetiva de passeios por andaimos arcaicos que transitam por configurações fusionais, duais, inaugurando a passagem a configurações triangularmente relacionais, com abertura de espaço para o outro em variadas gradações e para uma protonarratividade e incipiente comunicação de experiência. Mesmo que de caráter bastante primitiva, instalada no corpo, vivenciada na sensorialidade, esta incipiente narratividade já “conta” o sujeito e assim o inaugura em alguma forma de alteridade e subjetivação. Germinam aqui núcleos de entrelaçamento, *boucles de retour* em Geneviève Haag (2021) “anéis relacionais” ou “elos de retorno” ao si mesmo vinculado por entre as esquinas da multidimensionalidade, nas bordas de passagem do segundo para o terceiro tempo do circuito pulsional (CRESPIN, 2004; LAZNIK, 2004), ou nas manifestações inaugurais desse terceiro tempo que ao se instalar, marca a relacionabilidade, mesmo incipiente, como base sempre presente.

Considero aqui como instrumentos de auxílio significativo, o aprofundamento em prática observacional psicanalítica (BICK, 1963; MILLER *et al.*, 1997; RUSTIN, MILLER, 2002), experiência clínica supervisionada com constante acompanhamento dos movimentos transferenciais e contratransferenciais, experiência em processo pessoal de análise, constante prática clínica na interface com o acompanhamento de pesquisas em desenvolvimento e intercâmbios sobre teoria da técnica em psicanálise infantil e estados primitivos da mente.

Tais entrelaçamentos marcam presença em atividade clínica desenvolvida junto a grupos na SBPSP – Centro de Atendimento Psicanalítico (Clínica 0 a 3) e GPPA, Grupo Prisma de Psicanálise e Autismo (BATISTELLI *et al.*, 2014; LISONDO *et al.*, 2017), atividades ligadas à transmissão em ensino (Instituto Sedes Sapientiae) e coordenação do Núcleo de Atendimento a Pais-Bebês, Pediatria/Unifesp). O trabalho clínico com bebês e crianças de 0 a 3 anos em integração com o contexto pediátrico permite acompanhar de perto o desenvolvimento infantil no âmbito da saúde primária e suas interfaces e multifatorialidades dinamicamente imbricadas, facilitando intervenções oportunas quando necessário. A partir do encaminhamento e sensibilização inicial em consulta pediátrica, desenvolve-se trabalho paralelo em atendimentos pediátricos (integração de especialidades), Intervenção psicanalítica nas relações

iniciais pais-bebê, e Grupo transdisciplinar de atendimento a pais e bebês no Setor de Saúde Mental/Pediatria.

Procuro nesta comunicação, em continuidade a oportunidades anteriores, me referir a cenas vivas que se oferecem como “fractais”, como estruturas básicas reiterativas (como o grão de areia que apresenta configurações que se replicam no universo) que atravessam o micro e o macro e permitem examinar, no detalhe, e justamente por sua insistência constante, algo que se vislumbra também no nível transversal mais amplo como movimentos e funcionamentos nem sempre objetivamente manifestos. Tais elementos se narram pelo impacto no profissional a partir de sua rede de receptividade corpórea-contratransferencial, evocando qualidades a serem examinadas como maneira de se conhecer os aspectos em jogo. Surpresa, impacto, encantamento, necessidades de proteção ou afastamento, por exemplo, podem nos dar a conhecer os fluxos primitivos ou relacionais que sustentam as conexões entre pais e bebês em cada família.

A experiência de contato com estes microeventos (STERN, 1997) pode nos beneficiar disparando conjecturas relacionais e redes de sentidos (MENDES DE ALMEIDA; MARCONATO; SILVA, 2004), viabilizando reflexões quanto ao acesso às nuances de saúde, de resiliência e de sofrimento psíquico desde os inícios da vida, potenciais de mudança e seus instrumentos de acesso.

Proponho então que façamos incursões pelo que chamarei aqui de *Fractais de contato*, como janela de abertura para conversar sobre prelúdios de integração no campo dos primórdios da intersubjetividade:

FRACTAL 1: MEMBROS EM (DE)COMPOSIÇÃO

Incrustrado e ilhado em uma grande poltrona, em filme caseiro, na mira de um olhar sem retorno, Guilherme, acompanhado inicialmente por mim em Intervenção na Relação Pais Bebês e depois, por Maria Cecília Pereira da Silva em análise, aparece aqui aos 8 meses, em cena sugestiva, que nos ajudará a aprofundar pequenos detalhes sobre a questão da autossensorialidade e experiências primitivas. Nessa cena, fica aparente seu vigor físico se autoenvolvendo com seus próprios braços e mãos, mais parecidos com extremidades autômatas, autônomas partes quase robóticas de si próprio, extensões meio de fora meio de dentro. Por um lado, são como se não fossem dele, por outro, parecem tomá-lo por inteiro em “questão existencial” do que fazer com aque-

las partes tão próximas, membros (de si?) que parecem ter (e são aparentemente sentidos como tendo) vida própria. Contrasta com sua ativa tonicidade, a expressão sisuda, focada e concentrada, sem usufruto de prazer ou diversão exploratória que caracterizam os movimentos e investigações corporais infantis, usualmente compartilhadas em olhares, expressões faciais e risos com quem está por perto, o que aqui, claramente não ocorre. Guilherme se absorve completamente por vários minutos nesta atividade, mexendo os membros para cima e para baixo, para o lado, em várias composições e junções, sentindo suas extensões e dobradiças. Até parece, sim, estar experimentando algo... Exploração animada ou inanimada? Qual estará sendo sua experiência? A que lhe serve esta cena? Que função e sentido têm para seu *self* somatopsíquico em constituição? (composição? decomposição? recomposição?).

René Roussillon, ao discorrer sobre a associatividade e as linguagens não verbais como condutoras do encontro analítico e do engendramento de sentidos (2009), chama a atenção para a fascinação pelo movimento das próprias mãos em crianças autistas ou psicóticos que parecem girar e voltar incessantemente para eles mesmos. Pensa que tal gesto narra a história de um encontro que não aconteceu. Descreve a primeira parte do movimento como parecendo dirigir-se ao exterior, para o objeto, mesmo que um “objeto ausente, indisponível, inalcançável ou indiferente, um objeto em quem o gesto de encontro escorrega” (ROUSSILLON, 2009, p. 156-157). A fala de Roussillon se aproxima da de Anne Alvarez (1994) quando esta aborda, pela visão da teoria das relações objetais, em algumas situações autísticas, não a falta de uma relação de objeto, mas a relação com um quase objeto, um não objeto, ou um tipo de objeto a se relacionar ou a deixar de se relacionar. (ALVAREZ, 1994, p. 201). A “aparente” não relacionabilidade do ponto de vista externo ou comportamental abrigaria nuances que seriam em si uma experiência, com sua qualidade e peculiaridades, e não a ausência da experiência.

Ao se deparar com esse trecho do filme caseiro de Guilherme, em evento promovido pela CIPPA (Coordenação Internacional de Psicoterapeutas Psicanalistas e Membros Associados que trabalham com pessoas com autismo) em 2019, Geneviève Haag, oferece sugestiva leitura narrativizante de encontro não realizado, na interface entre a tradição kleiniana, mobilizada pela experiência em *Observação de bebês modelo Esther Bick* e a influência da raiz psicanalítica francesa banhada pela força da linguagem como primórdio da subjetivação. Ela destaca a necessidade da criança de expressar sua experiência somatopsíquica de desencontro e que por meio desta tentativa não integrada de integrar partes de si

está demonstrando sua experiência primitiva de não contar com um eixo integrador na relação com o outro primordial. Ao mesmo tempo (e isso não seria tão pouco em termos de base muito aproveitável no circuito da protossimbolização), demonstra sua vivência e precisa repeti-la, não como descarga e destituição de sentido, mas como premência protopsíquica com algum teor de engendramento de direção subjetiva e de contato com a experiência.

Ao aludir a um objeto que retorna para si mesmo ao não poder se apropriar de um fragmento de resposta, Roussillon (2009) também atribui à autossensualidade algo muito maior do que descarga, conferindo à ausência um conteúdo de narratividade de uma protoexperiência presente. Um objeto que traz então o que não aconteceu no encontro, girando no vazio, indo na direção de um outro virtual e voltando para si, que esquece, em seu retorno, para onde se dirige. Este vazio, este esquecimento, é, entretanto preenchido por aquilo que não aconteceu, este vazio conta potencialmente o que não se realizou no encontro. “A sombra do objeto não encontrado recai sobre o gesto, sobre o ato em oco, em sombra” (ROUSSILLON, 2009, p. 157), como uma primeira narração motora das experiências de encontro e desencontro com o objeto. Esta discussão que tem sido tão fertilizada em experiência de ensino com Luciana Pires também encontra ressonância em sua discussão acerca da ecolalia. *Do silêncio ao eco*, título sugestivo de sua produção, aprofunda a questão também enfatizando a comunicabilidade e o sentido destas manifestações em suas nuances clínicas e conceituais (PIRES, 2007).

Dialogando com as vívidas descrições de Roussillon, que ressoam tanto em nossa clínica, incluo aqui Didier Houzel e Vera Regina Fonseca, que trazem sempre imagens fertilizadoras e “inspiradoras” de “objetos” interessantes lançados em movimentos autísticos, em Simpósios periódicos de um grupo de aprofundamento clínico intercontinental em autismo (“Inspira”). Revisito aqui imagens de bumerangue (para garantir recepção caso não seja interceptado?), objetos lançados à frente na (des)esperança (des)esperada, mesmo que não tão integrada, de parceria, ou algo de densidade (in)suficiente que se precipita para se fazer algo mais sólido no contato com um anteparo, um contorno, um limite... o chão ou a parede para o corpo que se desmantela (MELTZER, 1979) ao não contato... Microdiferenciais para serem aprofundados na contratransferência quando estes circuitos são continuamente reativados no envolvimento com o jogo clínico na sessão. De qualquer forma, tratá-los como dejetos sempre uniformes justificando a incapacitação psíquica, perpetua a cena no vazio congelante da não intersubjetividade mesmo em seus arcaicos fiapos que nos alcançam para continuarem talvez sobreviventes.

FRACTAL 2: MEMBROS EM RELAÇÃO

Em um filme realizado pela BBC de Londres sobre a Observação de bebês a partir de Esther Bick, *Observation observed* (RUSTIN; MILLER 2002) a observadora é filmada em visita a um bebê no contexto familiar natural por um ano para aprender de forma intimamente encarnada a função psicanalítica de olhar, escutar, conter, “cozinhar” sentido, representando a experiência em comunicação compartilhada no próprio registro escrito com outros olhares e escutas em seminário de discussão do material. Em cada passo, se vivencia o psíquico humano se construindo e se fazendo expresso nas relações. Em uma das cenas do filme, o pequeno bebê de dias aparece nos braços dos pais, que exploram seus pequenos movimentos e contornos faciais ao mesmo tempo inéditos e familiares, enquanto tocam seu rosto nos pontos expressivos, gerando mesclas de reflexos e ativações pelo contato. Acompanham seu esticar de braços, oferecem suas próprias extremidades, ao mesmo tempo como envelope de continência e parceiros de investigação, construindo um ritmo possível, interlúdico (GUERRA, 2019) e transmodal, em diversos registros sensoriais (STERN, 1992) para viabilizar o avanço da exploração. A partir da descrição detalhada pela observadora da delicada interação, principalmente da intimidade materna com o estado primitivo do bebê, o seminário também explora delicada e densamente a inter-relação entre a maneira como o bebê se estica, investigando por dentro e por fora seus movimentos e os impactos destes em si e nos outros, bem como o impacto dos gestos dos outros em sua exploração. Meta-analiticamente se cria em jogo simbólico o mesmo útero gerador de associatividade entre os vários níveis de conectividade, em círculos concêntricos de continência: o grupo em relação ao observador, que por sua vez oferece continência aos pais, que contém o bebê, que poderia assim vivenciar uma relação de continência de seus próprios conteúdos mentais.

Me intercepta a mente neste momento, como imagem-devaneio em contraste, a cena em filme caseiro de um outro bebê, logo após o nascimento, ainda na maternidade.

FRACTAL 3: MEMBROS EM AMPLO ALCANCE

Também muito vigoroso, Renato estica as mãos que pairam no ar, enormes e abertas, “em direção a”, retendo em si um denso tônus, que sobrevive endure-

cido ao desenvolvimento relacional, por anos e anos ainda em couraça muscular. A mãe narra uma necessidade de se alimentar com 2 sanduíches ao lhe oferecer as primeiras mamadas.

Aos 4 anos o conheço, em quadro de desenvolvimento autístico (MENDES DE ALMEIDA *et al.*, 2000). Suas “extremidades” se relacionam com o mundo, sua voz, em capilaridade sonora veículo de disposição emissora e linguagem verbal, conversa, mas demonstra, na forma em “*staccato*” de falar, a precária fluência entre o entrar e sair, e a pouca maleabilidade neste trânsito. Seu desenho em viva caneta grossa vermelha aos 9 anos “representa”, de forma inequívoca e expressiva, homens em ação que trabalham com suas enormes mãos na montagem de um brinquedão que ocupa a área de nossa Pré-escola Terapêutica Tangram, algo que lhe parece bastante significativo em suas estruturas de madeira e redes. Esta produção gráfica, entretanto, que até nos é mostrada com um certo senso de conquista, não nos é oferecida com a satisfação e o prazer de viabilizar o ser olhado, o criar redes de vínculos. Canal mais dual do que triangulado? Ele e o brinquedão... Ele e as redes do desenho... Eles (ele e os objetos figurados) e nós, mas não eles, nós e o brinquedão (o que implicaria considerar o que achamos também disso e dele em relação, em rede triangular). Trabalhamos arduamente para ativar estas redes, de forma maleável e espontânea, tornando-as parte de um circuito intersubjetivo. Nossa insistência psicanalítica no reconhecimento de nuances dessas tramas e tessituras já supõe um sujeito emergente nas mãos abertas de Renato em busca de algo e na capacidade até de protorrepresentar redes, mesmo enquanto as redes internas ainda não estejam completamente instaladas.

Frente às neuroimagens interessantes do *Default Mode Network*, configurações de circuito padrão de interconectividade, compartilhadas por Vera Regina Fonseca (2019) e Silvia Laurentino (2022) em recentes eventos científicos, presente nos humanos em geral, mas não em indivíduos com autismo ou Alzheimer – qual seria o circuito básico comum nestas situações? Circuitos erráticos poderiam estar se estruturando segundo outros referenciais? Qual seria a estrutura do caos, que apesar das singularidades presentes em cada ser, unifica a condição de precário eixo de coerência central que nos faz identificar a qualidade autística e a carência de sentido relacional, pelo menos a partir de nossa perspectiva? Qual seria a vivência interna neuropsicosomática deste bebê e criança crescida, nesta configuração não articulada, lado a lado com o bebê filmado no entorno comum em uma Observação em continência familiar?

Nos três fractais apresentados nos deparamos com momentos diferentes de constituição de subjetividades a partir de metáforas somatopsíquicas (MENDES DE ALMEIDA, 2014) e vivência das partes do corpo em composição/decomposição e hiperextensão: em Guilherme (F1), na protonarratividade de um não encontro, possivelmente em busca de uma trilha subjetivante a partir desta (não)experiência; nos círculos concêntricos da experiência de Observação (F2), com narrativas em expansão a partir de ressonâncias de um núcleo subjetivante, e com Renato (F3) desafiamos couraças e hipertensionamentos para compor narrativas subjetivantes em redes de flexibilidade.

ILUSTRAÇÕES CLÍNICAS EM CONTINUIDADE DE ATENDIMENTO PSICANALÍTICO: TICO E TECO NA CENA SOMATOPSÍQUICA

Tico: Modulando “estrabismos” em cena viva transgeracional

O desenvolvimento inicial se apresenta em aspectos de oscilação e alternâncias, com possíveis vulnerabilidades na integração psíquica-sensorial, por vezes em percurso desarmônico, em que várias interfaces podem conviver lado a lado, integrando elementos sensoriais, constitutivos orgânicos, neuro-desenvolvimentais, epigenéticos, psíquico-relacionais, cognitivos, sociais e transgeracionais.

Este caso, que nos chega aos 2 anos e 4 meses em contexto pediátrico, enfatiza a importância da intervenção psicanalítica com crianças pequenas em vulnerabilidade psíquica por multifatores, que se expressam futuramente nos vários diagnósticos diferenciáveis, mas que em sua apresentação inicial podem aparecer dinamicamente imbricados, e ainda assim, deixar entrever brechas possíveis para um desenvolvimento saudável.

Tico chegou ao Ambulatório de Saúde Mental da Disciplina de Pediatria Geral e Comunitária do Departamento de Pediatria da UNIFESP, encaminhado do Hospital São Paulo, a partir de um pedido da avó, Regina, referindo atraso de desenvolvimento e comportamento de birra.

Os atendimentos vinculares e grupais iniciaram-se simultaneamente, com o comparecimento de Tico e a avó em 7 sessões de atendimento à díade realizadas em co-terapia por Psicólogas em Especialização em Psicologia da Infância e prosseguimos por mais um ano no contexto grupal. Tainá Brito, Stephanie Meirelles,

Larissa Cangueiro e Luciana Possato me acompanham aqui diretamente nas vinhetas selecionadas para este escrito (MENDES DE ALMEIDA *et al.*, 2017).

Tico era na época cuidado por sua avó paterna, pois seu pai, que tinha o mesmo nome que a criança, havia falecido antes de seu nascimento. Sendo pai e mãe ambos usuários de drogas, Tico foi cuidado pela própria mãe somente até aproximadamente sete meses, período do qual pouco se sabe sobre seu desenvolvimento. Depois, em comum acordo, a mãe deixou a responsabilidade da criação com a avó paterna, que começou a acompanhar o desenvolvimento do neto e perceber que ele era “muito chorão” (sic.).

Quando chegaram a nosso serviço, encontramos uma criança com a fala consideravelmente atrasada, com dificuldade de socialização, sempre “presa” às pernas da avó e com alguns movimentos estereotipados na exploração de brinquedos. Apresentava atraso no desenvolvimento, intenso retraimento social e marcante estrabismo.

Em consultas pediátricas paralelas às intervenções terapêuticas, levantou-se a hipótese de que o uso de drogas por parte mãe durante a gestação pudesse ter contribuído em parte para o atraso em seu desenvolvimento global.

Apresentam-se a seguir Tico e sua avó Regina em uma das sessões de Intervenção nas Relações Iniciais, em transcrição de vinheta filmada. O recurso do registro filmado permite rica discussão de detalhes e se converte em interessante instrumento para aprofundar a observação e reflexão clínico-terapêutica no contexto de ensino, formação e trabalho vincular/grupal com pais e bebês/crianças pequenas.

A intensidade das identificações e projeções transgeracionais fica aqui vividamente demonstrada, inclusive na atmosfera de confusão vivenciada contratransferencialmente a partir das reiteradas denominações repetidas que persistem nas gerações, talvez como maneira de proteção frente ao sofrimento familiar diante das perdas por morte e distanciamentos nos cuidados. Nascer e morrer se condensam nas relações corporais vividas pelo neto e pela avó nos desafios da autonomia e temerárias separações.

AVÓ: *Você não vai ficar de cabeça baixa, né nenê? Ai Tico...*

TERAPEUTA: *Agora ele deu uma olhadinha.*

TERAPEUTA: *Que demais esse corte de cabelo!*

AVÓ: *A orelha dele fica maior ainda quando ele corta o cabelo.*

TERAPEUTA: *Você acha a orelha dele grande?*

AVÓ: *A orelha do pai dele, ela...* (levando suas mãos às orelhas, fazendo um movimento ampliado indicando uma grande orelha).

TERAPEUTA: *A do Tico pai?*

AVÓ: *É, parece. É parecida, vocês podem olhar. Espero que ele não tenha complexo mais tarde.*

TERAPEUTA: *Como era o Tico pai?*

AVÓ: *Então, eu me lembro que na hora que ele nasceu, o meu marido foi lá, nossa! Foi assim uma alegria muito grande quando ele nasceu. Aí ele foi ver lá no berçário, aí quando ele chegou lá na casa da minha mãe, ele falou assim: “nossa, tia, quando eu olhei no berçário o Tico lá (pai-nenê), eu pensei que ele ia voar. Olha o tamanho da orelha dele”.*

TERAPEUTA: *O Tico pai falou do Tico filho?*

AVÓ: *Ah não, o meu marido falou do nosso filho (Tico também).*

TERAPEUTAS: *O seu marido falou do seu filho.*

AVÓ: *É.*

TERAPEUTA: *Achou que ele fosse voar!*

AVÓ: (Risadas) *Agora... (apontando e mexendo nas orelhas de Tico).*

TERAPEUTA: *E você acha que ele voou, o Tico pai? Voou mesmo?*

AVÓ: (risadas e expressão de melancolia) *Voou, né? Porque ele se foi tão rápido, né?*

Ao longo do processo vincular, pode ser trabalhada a questão relativa à parentalidade de Tico, resgatando a história parental da criança a partir da perspectiva da avó. Esta, igualmente foi acolhida ao abordarmos suas responsabilizações no contato com Tico, criando-se um espaço de reconstrução e reelaboração da história de Regina como mãe.

Em paralelo, no grupo de Pais-Bebês, a partir do diálogo com a equipe e através do relato da avó, puderam ser observadas evoluções na maneira de estar de Tico, que demonstrou mais interesse frente ao vínculo com os demais (além de sua avó), sendo também observada importante redução nas tendências às estereotípias (principalmente descargas manuais motoras), com muitas brechas para o desenvolvimento.

Tico, arriscando sair do meio das pernas da avó, mexe com as mãozinhas e aponta para algo.

AVÓ: *Pode ir lá, Tico, pegar brinquedinho, vai! (Tico caminha em direção à caixa, estende a mão, mas se retrai e segura a própria mão).*

TERAPEUTA (amplificando a voz da criança) *Eu não sei se eu vou, se eu não vou, não sei o que eu faço com a minha mãozinha... (todos olham para o Tico). Se eu brinco com essa minha mãozinha, se minha mãozinha alcança alguma coisa... Se eu fico perto da vovó, se eu vou lá prá perto das crianças...*

Em outro momento: Tico pega no cabelo da boneca, beija o rosto da boneca tênue e timidamente enquanto rapidamente olha o entorno do grupo (talvez não tenha encontrado algum olhar diretamente conectado a ele que pudesse sustentar o ato no circuito relacional). Imediatamente, talvez pela sensação de um gesto que cai no vazio, começa a sacudir a boneca bem próxima à frente de seu rosto, freneticamente, com o olhar unifocal em intenso e tenso estrabismo, como em uma estereotipia.

Numa outra sequência:

...Tico faz maneirismos com a mão, abrindo e fechando.

Tico vai se aproximando da caixa.

TERAPEUTA: *Ele já pode sair daí um pouquinho perto de você.* (referindo-se à avó).

AVÓ: *Ele conseguiu hoje no finalzinho tirar a cabeça (do meio das pernas) e ficou assim (gesto com o olhar à procura), olhando para as meninas.*

TERAPEUTA: *Ele nasceu hoje!* (se referindo, inclusive gestualmente, à associação entre a “saída do corpo” da avó e início das relações com o grupo).

Em outra vinheta do Grupo, Tico oscila entre o esfregar agitado e repetido de um bloco retangular de madeira no chão, possivelmente sensorial e autoestimulatório e o movimentar do bloco em direção a seu ouvido como se fosse um telefone celular que ganha vida, sentido e palavra ao encontrar o olhar atento de uma das terapeutas, recebendo sua incipiente associação comunicativa (a avó comenta sobre o fato de Tico a ter notado falando ao telefone).

TICO: “Alô!” (sic Tico)

TERAPEUTA: O que? Ahhh telefone! Alô Tico! A vovó estava assim? (falando ao telefone) Estava?! Gostoso falar com ou outros, né Tico? O telefone é um jeito de conversar”.

A “orelha identificada com o pai morto adquire vida” para deixar entrar outras comunicações. A avó pode ser identificada com uma possibilidade de conexão ao ser vista pelo neto como alguém que conversa com os outros no grupo. Tico se vê no olhar do grupo como um agente comunicante que desperta movimentos de contato e amplificação.

Vemos em Tico como vias de intersubjetividade embrionária e recolhimento em alternância se manifestam concomitantemente, às vezes numa mesma sequência de “contato”. Nos impacta o apelo à predominância da sensorialidade, com tendência a estereotipias, e frágil busca ao outro, nos limiares da cristalização. Ao mesmo tempo, entretanto, nos surpreende como também sobrevive e floresce a potencialidade para a integração da sensorialidade na constituição do

gesto relacional e funcional que, mesmo em tênue rudimento, ao ser reconhecido e amplificado pelo outro, pode fluir e adquirir sentido, fortalecendo várias áreas de competência.

Nos insiste então a questão, a partir da marca vivida e revivida na experiência: esse olhar tênue e incipiente de Tico, que ao não ser encontrado inicialmente pelos olhares dos adultos, se fixa na estimulação autossensorial de um brinquedo à sua frente – não poderia ser uma micronarração, ao invés de fuga de sentido e de relação? A micro-história de um microencontro que não houve já não poderia ser então uma comunicação, a ser amplificada no reconhecimento clínico, em observação, notação de surpresa exclamatória e potencial transformação de experiência? Esta se constitui a nossa crença, aposta e percurso em investimento (MARUCCO, 2007; MENDES DE ALMEIDA, 2008). Como ocorre com um bebê em desenvolvimento, estes pequenos e delicados ciclos vão se compondo na construção da subjetivação e quanto mais nossa formação nos instrumenta para acompanhar estas pequenas nuances e diferenciais, mais nos aproximamos, como sujeitos, da possibilidade de também subjetivar (SILVA; MENDES DE ALMEIDA; BARROS, 2011; MENDES DE ALMEIDA *et al.*, 2017).

Teco: Conectando clínica e pesquisa, trabalho presencial e *online*, sensorialidade e desenvolvimento simbólico

A experiência com Teco tem instigado construções efervescentes a partir da clínica desde os primórdios em risco. Teco tem me estimulado a compartilhar instrumentos psicanalíticos e nuances de olhar com famílias, escolas e equipes transdisciplinares, participando de elaborações no contato com o Grupo Prisma de Psicanálise e Autismo e sendo acompanhado por nosso protocolo para mapear evoluções durante seu tratamento, antes e ao longo da pandemia por Covid 19 (MENDES DE ALMEIDA, 2020a, 2020b).

Teco não havia chamado atenção de seus pais quando bebê bem pequeno, mas a partir dos dois anos, estranharam seu contato e instabilidade nas aquisições, (solicitava pouco, olhava pouco, manifestava-se pouco em balbúcies e expressões verbais, começava a falar algumas palavras, mas depois parece que esquecia, não brincava, às vezes rodava e parecia alheio, não se interessava por outras pessoas, irritava-se com mudanças). Em consultas médicas, inclusive com psiquiatra/psicanalista, sugeriu-se que ele pudesse estar tendo uma alte-

ração de qualidade autística e realizou-se o encaminhamento para atendimento psicanalítico.

Nos contatos iniciais em Intervenção conjunta, a mãe se deu conta de quanto havia notado e se sensibilizado com uma dificuldade de olhar de Tecó desde as primeiras mamadas. Mas parece ter ocorrido um “ajuste familiar”, arraigado em bases primitivas de proteção, de regulação de demanda em que uma autonomia recíproca se instalou e todos se acomodaram em uma certa homeostase e garantia de ótimos manejos básicos de cuidado, mas extra cautela no aprofundamento e na busca de empatia e curiosidade mútua em situações exploratórias, com dúvidas e microconstruções quotidianas.

Ao início do trabalho, no início do segundo ano de vida, Tecó já demonstra que tem brechas de abertura de contato, olhando, notando, mesmo que de maneira leve, a analista e objetos lúdicos da sala. Em destaque, se interessa por animais e figuras humanas de maneira diferenciada desde o início, por exemplo, diante de vários objetos, dá preferência aos que têm vida. Em um segundo momento, após 3 meses de trabalho, intensifica-se o reconhecimento e a busca de contato, iniciando o olhar, participando de cenas lúdicas com bichinhos que entram e saem de barcos e espaços continentais e de brincadeiras de comidinha iniciadas pelos adultos. A sustentação e manutenção do contato só ocorre de maneira mais pronunciada mais tarde, em torno dos seis meses de tratamento, mas tem se amplificado. Pede por suas preferências e dá continuidade exploratória a seu pedido ou coloca figuras e objetos em posições relacionais, por exemplo, juntos em um avião que explora o ar. Apesar do leve contato de olhar face a face, que com o trabalho em meses já se intensifica, inicialmente não há reciprocidade, atenção a turnos relacionais, compartilhamento de interesses, atividades e estados emocionais. Posteriormente, a intensificação do olhar parece concomitante, e talvez se torne possível como reflexo do desenvolvimento paralelo dos outros aspectos de conexão com o outro incipiente. Evoluem então a convocação, os chamados pelo apontar e pela linguagem verbal em franco desenvolvimento funcional (“Qui isho?”). Prioritariamente, aqui a ênfase parece ser no fisgar o outro e no alimento que isso pode ser para a reanimação psíquica (LAZNIK, 2013). Este parece ser um ingrediente importante, que precisa ser vivenciado com muita repetição e continuidade, para daí advir gradativamente a possibilidade de levar em conta o ritmo interno do outro, ou reconhecer os estados emocionais de si e do outro em compartilhamento. Tais aspectos não poderiam se construir somente por “treino” cognitivo ou ajuste de conduta.

O compartilhamento de estados internos em sutil incipiência verifica-se, por exemplo, na maneira como ele inclui o olhar do outro em diálogo facial expressivo de satisfação antecipatória e clímax quando se surpreende com os movimentos maleáveis (no limiar entre o previsível e o imprevisível) da massinha tipo *slime*. Vislumbra-se aqui um início de interludicidade, já vivamente presente no bebê comum bem menor nas brincadeiras de Esconde Achou, Coceguinhas e Assustar (GUERRA, 2019). De qualquer forma, é interessante notar como os aspectos de relação mais aprofundada com a alteridade do outro em compartilhamento, (alternância de turnos e estados emocionais) estão ainda a caminho de constituição.

Teco é um garoto que chega sem marcadas estereotípias. De levemente autocentrado, com explorações “aparentemente” aleatórias do espaço, algumas rodadas “a esmo” no primeiro momento, passa a explorar o ambiente e brinquedos com funcionalidade no segundo momento e agrega, num terceiro, um relacionamento com a analista em que não comparecem alheamentos, nem leves rodopios ou afastamentos. Poderíamos aqui considerar que estas manifestações autossensoriais narram, protossimbolizam, suas vivências de não conexão, de frouxidão de contato e laço? Suas mãos, no início, demonstravam alternadamente, mas quase que concomitantemente, o que parecia uma demanda de colo (mesmo que não houvesse alguém a sua frente), um início incipiente de movimento em *flapping* que (esperançosamente!!!) não se completava e que era recebido terapêuticamente como algo instrumentalizável, em busca de algo, e um arrumar de mangas de blusão que muitas vezes parecia excessivamente protetor (paralelo com o cuidado materno, conscientemente assumido, extra-agasalhador).

Acredito que aqui estejamos diante de uma ótima imagem da complexidade, da delicadeza e da plasticidade a ser modulada pelos microeventos intersubjetivos que “esculpem”, em sutil integração, as ações, os hábitos, as vivências emocionais e, como nos conta Iole Cunha (2002), o cérebro em suas redes neurais. No grau de desenvolvimento possível até aqui, de necessidade de fortalecimento das alternativas transmodais (STERN, 1992) e consensuais de sensorialidade, ao invés do atrativo autossensorial, vemos que Teco ainda tem um tanto a evoluir quanto à percepção, comunicação e reação a outros acerca de seus próprios estados de integração (ou seja, sobre seu senso de si como sujeito integrado).

Teco desde o início se interessa por colocar bichinhos em caixas ou barcos, o que sugere brecha importante quanto ao reconhecimento de dentro e

fora. Tira e põe um ao lado do outro horizontalmente e inicialmente, de maneira rígida e impaciente, fica muito bravo quando não cabem todos exatamente no espaço. Vai aos poucos aceitando mudanças e novas formas de acomodação, de pé, um sobre o outro, de acordo com como o outro brinca, cada hora de um jeito, demonstrando mais flexibilidade de pensamento, maior plasticidade e possibilidade de considerar (abrigar dentro de si, dentro de seu espaço mental), várias possibilidades ao mesmo tempo. Isso ocorre inicialmente ainda de maneira oscilante.

É curioso, entretanto, que conforme os objetos vão sendo explorados por mais tempo, de forma menos dispersa ou superestruturada, a facilidade anterior de exploração dentro/fora vai ficando mais “multidimensional” agregando hesitações, ansiedades, medos, reações de evitação do objeto e da participação do outro (proteção em relação à intrusividade e exercício de regulação e subjetivação ou autossuficiência?). Processos comuns no desenvolvimento inicial, agora postos em cena, na linha das angústias do bebê de reação ao estranho e separação? (SPITZ, 1979). Estes passos naturais são precursores necessários ao processo de criação de um repertório próprio de intimidade genuína com algo que lhe faça sentido singular e que envolve processos psíquicos que não se reduzem à conduta manifesta.

É essencial que nestes momentos o olhar psicanalítico possa facilitar aos pais a compreensão de um percurso em evolução, valorizando-se a empatia com os estados emocionais da criança e família, e não de regressão, cristalização, ou ameaça a ser enfrentada operacionalmente ou por confrontação.

As intenções ou ideias de Teco vão sendo mais expressas conforme ele passa a considerar importante publicá-las ao outro, pede brinquedos apontando e olhando firme para mim e para onde está o objeto (caja? [casa], caxa? [caixa], isho? [bichos]). Estas escolhas e comunicações são firmes quanto à função momentânea, mas ainda não se constituem como ligadas a uma noção mais consistente de si mesmo, de suas próprias características ou experiências pessoais disponíveis para narração ou auto-historicidade compartilhada. A repetição de suas preferências parece significativa e não ritualística, procura muito a caixa de bichos, a casa, o hidroavião de madeira de sua caixa com coelho em roupas de garoto, um adulto homem, que chamo papai, um canguru (alusão à função de continência materna?) e um bebê, que ele, ao se irritar muito com a não estabilidade e firmeza, me leva a entrelaçar juntos em co-criado “cinto de segurança”.

Também explora a massa da caixa em exploração sugestiva de meio-maleável (ROUSSILLON, 2012) permitindo-se surpresas e novidades comparti-

lhadas com olhar e sorrisos, entre a excitação e a diversão.

Manifestações espontâneas que denotam um fluxo de processamento de vivências internas para expressão em códigos compartilhados estão ausentes em um primeiro momento: Teco não apresenta a fala, a conversa, a iniciativa para a ludicidade, a construção gráfica ou narrativa, mesmo que rudimentar. Em conexão com elementos já em desenvolvimento, no segundo momento, emerge o leve interesse por estes instrumentos de mediação, dos quais se fortalecem, no terceiro momento, a fala, que já une palavras em modulação aperfeiçoada, e a iniciativa para brincar, por exemplo, em pequenas cenas de bonecos em torno de comida. A incorporação destas práticas como repertórios que o conectam a um “berço” de identidades ou a sentidos coletivos ainda está por se fortalecer.

Teco, no início, apesar das brechas demonstradas, não parece ter expectativa quanto a meus movimentos em relação a ele. Em contraste a essa não demanda, a busca e expectativa de contato começa a se mostrar presente em minha mente desde o primeiro momento, na vitalidade associativa, propulsora do crescimento, antecipando o encontro, investindo na aposta pulsional, desejante e subjetivante (MARUCCO 2007; MENDES DE ALMEIDA, 2008; SILVA; MENDES DE ALMEIDA; BARROS, 2011), reclamando (ALVAREZ, 1994), convocando, buscando engajar mesmo mínimos fiapos de contato, supondo o sujeito que está por vir (LAZNIK, 2004), e posteriormente descrevendo densidades emocionais nos vários níveis em que se encontra o paciente (ALVAREZ, 2012). Tais movimentos analíticos parecem conduzir e oferecer bases para o crescimento das demandas e expectativas em Teco também.

Na passagem para a modalidade remota estes movimentos foram fundamentais para reinstalar a criança no novo espaço analítico, configurando um espaço de intimidade ao mesmo tempo de acolhimento continente, mas discriminado e singular em termos de um espaço físico preferencialmente contornado e provedor de elementos lúdicos simples significativamente evocantes do espaço interno da criança e de nosso vínculo pregresso ou em transição. No caso de Teco, evocamos uma caixa de brinquedos escolhidos pela criança e pelo pai para estarem sempre ali no nosso horário, com referências aos objetos da caixa lúdica do consultório: um outro modelo de avião construído para ele por sua avó, livros e bichinhos, papeis, lápis e alguns representantes de sua patrulha canina. Em paralelo, apresentei-lhe minha caixa/continente de transição, após mostrar-lhe a caixa lúdica do consultório guardada comigo, que ele ficou curioso para ver e confirmar a continuidade, mas não para examinar em

detalhes o que permanecia distante. Em reserva para um esperado possível retorno? Haveria essa pré-concepção? Retornávamos agora para a mediação pela presença do pai, que se dispunha a acompanhá-lo nas sessões online.

Enviei-lhe também fotos em *whatsapp* com imagens da entrada fechada do consultório, do elefante de enfeite da entrada (*elephant parade*) agora guardado, da escada para nossa sala, de seus objetos preferidos e de um desenho que fiz na lousa me representando acenando a mão, que tanto poderia ser “oi” como “tchau”.

Inicialmente, por escolha dos pais, ficamos na sala, *home office* dos adultos, de mais fácil vigilância, com presença parental casual e atenção volátil, com brinquedos espalhados à profusão, pacificadoras chupetas misturadas e levadas, assim que achadas, ao caminho da boca por Teco.

A transicionalidade característica desse nosso momento foi representada por ação de Teco indicando o que a meu ver caracterizamos como “filhotes” dos brinquedos da caixa mãe ou do ambiente do consultório... como por exemplo um pequeno elefante macio de borracha (suporte de fios de computador!!!) que lhe apresentei e ficou sendo o filhote da elefante mãe.

O pai teve a ideia de trazer adesivos para a caixa deles em menção ao adorado “duek” (durex) da caixa do consultório. Improviso e busca de referências de nosso repertório muito contribuíram para garantir um senso de continuidade. Passamos com o tempo para o espaço do quarto da criança, antes subutilizado pela necessidade de vigilância permanente em atenção volátil durante o dia na sala e de garantia de proteção à noite no quarto do casal. Assim seu quarto foi praticamente inaugurado para uso próprio pelo momento das sessões de análise, significativamente, portanto, representando parte de seu processo de subjetivação, a ser ainda continuado.

Acredito que o trabalho inicial presencial com Teco e o acesso a um patamar de desenvolvimento psíquico inicial favorecedor para ampliação de brechas tenha facilitado a continuidade de sua evolução no trabalho *online*. Entretanto o acesso virtual demonstrou também uma sustentação em si, além de ser essencial para manter o equilíbrio incipiente recém-conquistado, diante de mudanças imprevisíveis e rupturas de continuidade significativas do entorno. Na continuidade dos voos de Teco, que prosseguem no retorno ao presencial, demonstra-se a potência clínica da psicanálise como enquadre interno da dupla analítica em repertório de conexões resilientes, quando se leva em conta o *setting* da clínica dos primórdios constantemente informada, a exemplo dos próprios bebês, por entrelaces com a pesquisa compartilhável, reflexões sobre

desenvolvimento integrado, aportes neurocientíficos (neuroplasticidade e flexibilidade), promoção de cuidado na primeira infância e a intensidade atratora do vínculo com nossos aspectos infantis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CONTÁGIO E DELICADEZA, ATRIBUTOS DE UMA CLÍNICA EM DESENVOLVIMENTO

Partindo dos fractais metafóricos em cenas somatopsíquicas de Guilherme, Renato e nosso bebê em observação, aludindo a composições, decomposições e recomposições, buscamos mostrar em processo de continuidade integrada vivida nos tratamentos de Tico e Teco, conectividades e contextualizações em trabalho psicanalítico de longo prazo em *setting* de saúde pública e consultório psicanalítico. Ao aprofundar a clínica e a investigação psicanalítica, demonstramos em nuances e detalhes ilustrativos a delicada relevância de acompanhar com intensidade e íntima regularidade, aspectos multidimensionais da vida em seus primórdios ainda a caminho de constituição, nos quais a conduta manifesta é somente um entre vários outros elementos a se considerar.

É nossa aposta que a abordagem psicanalítica em rede possa oferecer a consistência vivencial microscópica para que a intersubjetividade seja genuína, conectada com os espaços de vivência interna e externa, com legítimo prazer compartilhado a ser incorporado com sentido no cotidiano e no acompanhar de movimentos vividos por crianças e famílias em sofrimento, mesmo em momentos de inquietações e intensificação de angústia para todos nós.

A clínica com os bebês, clínica dos primórdios e dos aspectos mentais primitivos constitui um campo que vai muito além de uma fase cronológica do desenvolvimento, não é só “um pequeno extra de saber” (GOLSE, 2021).

Esta clínica teria como imperativos, os seguintes atributos, segundo Golse: É descritiva, interativa, contratransferencial, historicizante, transdisciplinar, transcultural.

Golse, de maneira implicada, acrescenta a essa clínica mais uma palavra muito em voga em tempo de Corona Vírus: é contagiante!

Gosto também de pensá-la como a clínica da delicadeza, porque mesmo a aproximação de aspectos difíceis, violentos, sofridos, se faz com tempo e espaço, detalhes, nuances, vínculos e muito trabalho...

Percebemos prazerosamente esse contágio e essa dedicação, em nossas relações humanas, nos grupos de trabalho e nos projetos relacionados a essa área.

Contagiante e delicada, porque atravessa a vida, seja ela como for, e nos atravessa a todos nesse viver e sonhar cotidiano, nos enlaçando aqui nesse pensar e fazer psicanálise.

Mariângela Mendes de Almeida
mamendesa@hotmail.com

Referências

ALVAREZ, A. *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline carentes e maltratadas*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1994.

_____. *The thinking heart*. East Sussex: Routledge, 2012.

BATISTELLI, A. *et al. A clínica psicanalítica do autismo*. São Paulo: Zagodoni, 2014. (Grupo Prisma de Psicanálise e Autismo).

BICK, E. Notes on infant observation in psycho analytic training. In: *Collected Papers of Martha Harris and Esther Bick*. Perthshire: Clunie Press, 1963.

_____. (1967). The experience of the skin in early object-relations. In: *Collected Papers of Martha Harris and Esther Bick*. Perthshire: Clunie Press, 1987.

CRESPIN, G. C. *A clínica precoce: o nascimento do humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CUNHA, I. da. A revolução dos bebês. *Psicanalítica. A revista da SPRJ*, v. 2, n. 1, 2002.

FORGES, F. *Apresentação de vídeo em Congresso da Cippa*, Paris, 2019.

FONSECA, V. R. *Default Mode Network*. Trabalho apresentado no Congresso da IPA, Londres e no Grupo de transtornos autísticos: Teoria e clínica, da SBPSP, 2019.

GOLSE, B. Os destinos do originário. *Psic Clin.*, v. 20, n. 1, p. 43-56, Rio de Janeiro, 2008.

_____. Comentário sobre trabalho apresentado no Congresso Internacional da IPA em Londres, “*Dramatização no trabalho online*” por Mendes de Almeida e Silva, 2021.

GUERRA, V. *Rythme et intersubjectivité chez le bébé*. Paris: Editora Érès, 2019.

GUIGNARD, F. *O infantil ao vivo: reflexões sobre a situação analítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

HAAG, G. Congresso da Cippa, Paris, Comentário sobre a apresentação da pesquisa PRISMA, 2019.

_____. O lugar das clivagens sensoriais no desenvolvimento e nas patologias arcaicas. Entrevista com Geneviève Haag e Bernard Golse, por Camila Sabóia e Andrea Carvalho, *Percurso Revista de Psicanálise*, n. 66, ano XXXIII, junho de 2021.

LAURENTINO, S. G.; BOXWELL, S. F. (2022) Bases neurodinâmicas e psicanalíticas. *Journal of Human Growth and Development*, 32 (1), p.10-20, 2022. Disponível em: <www.jhgd.com.br>. Acesso em : 10 set. 2022.

LAZNIK, M. C. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador, BA: Ágalma, 2004.

_____. *A hora e a vez do bebê*. São Paulo: Instituto Langage, 2013.

LISONDO, A. B. D. et al. Sinais de Mudança em Autismo: apresentando o PRISMA. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51 (4), p. 225 – 244, 2017. (Grupo Prisma de Psicanálise e Autismo).

MARUCCO, N. C. Entre a recordação e o destino: a repetição. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 41, n. 1, São Paulo, 2007.

MELTZER, D. La psicología de los estados autistas y de la mentalidad postautista. In: MELTZER, D. et al. *Exploración del autismo: un estudio psicoanalítico*. Buenos Aires: Paidós, 1979. p. 21-39.

MENDES DE ALMEIDA, M. O investimento desejante do analista frente a movimentos de afastamento e aproximação no trabalho com os transtornos autísticos: impasses e nuances. *Revista Latinoamericana de Psicanálise*, (8), p. 169-184, 2008.

_____. *Metáforas somatopsíquicas: realidade e cotidiano em sua expressão na clínica psicanalítica, essa nossa ficção*. Trabalho apresentado no 30º Congresso Latinoamericano de Psicoanálisis, 2014.

_____. *Metáfora e matriz: dificuldades alimentares infantis como janela clínica dos transtornos na relação pai-bebê*. In: SILVA, M.C.P.; MENDES DE ALMEIDA, M. *Infância, vínculos e diversidade profissional – Espaços para Interlocução*. São Paulo: Blucher, 2019.

_____. *SOS plasticidade: a clínica psicanalítica em movimento entre o presencial e o remoto nas fronteiras da subjetividade em risco*. Trabalho apresentado no II Simpósio Bienal SBPSP: Fronteiras da Psicanálise: a clínica em movimento, 2020a.

_____. *Pandemia e trabalho psicanalítico, do presencial ao remoto: contato com a vida dos estados primitivos da mente em contexto de viralização de angústias*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 54, n. 3, São Paulo, 2020b.

_____. *Metáforas somatopsíquicas: o infantil em suas (re)apresentações como constituinte do desenvolvimento emocional*. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, v. 28, n. 2, 2021.

MENDES DE ALMEIDA, M. *et al.* *Processos de subjetivação e inclusão: a inclusão de uma criança psicótica na pré-escola Tangram*. In: *A psicanálise, a educação e os impasses da subjetivação no mundo moderno*. São Paulo: Lugar de Vida/Lepsi, 2000.

MENDES DE ALMEIDA, M.; MARCONATO, M. M.; SILVA, M. C. P. *Redes de sentido: evidência viva na intervenção precoce com pais e crianças*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38 (3), p. 637-648, 2004.

MENDES DE ALMEIDA, M. *et al.* *Vias alternativas para o desenvolvimento no atendimento psicanalítico a crianças pequenas em risco psíquico: o corpo em cena*. In: PARLATO, E.; COHEN, D. (Orgs.). *O bebê e o outro*. São Paulo: Instituto Language, 2017. p. 141-154.

MILLER, L. *et al.* *Closely observed infants*. London: Duckworth, 1997.

PIONTELLI, A. *Backwards in time. A study in infant observation by the method of Esther Bick*. UK: The Clunie Press, 1986.

_____. *From fetus to child. An Observational and psychoanalytic study*. London: Routledge, 1992.

PIRES, L. *Do silêncio ao eco: autismo e clínica psicanalítica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2007.

ROUSSILLON, R. *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. São Paulo: Blucher, 2012.

_____. A associatividade e as linguagens não verbais. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 16, n. 1, p. 143-165, 2009.

RUSTIN, M; MILLER, L. *Observation observed. A film*. London: Tavistock Clinic Foundation, 2002.

SILVA, M. C. P.; MENDES DE ALMEIDA, M.; BARROS, I. G. O investimento subjettivo do analista na clínica dos transtornos autísticos: cenas filmadas de uma intervenção conjunta pais-criança. In: LAZNIK, M. C.; COHEN, D. (Orgs.). *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage, 2011. p. 205-215.

SPITZ, R. *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

STERN, D. *Diary of a baby: what your child sees, feels and experiences*. London: Basic Books, 1990.

_____. *O mundo interpessoal do bebê: uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

_____. *A constelação da maternidade: o panorama da psicoterapia pais-bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.